



O LUGAR DAS ARTES MARCIAIS NO CAMINHO TAOISTA: REFLEXÕES A PARTIR DA PARTICIPAÇÃO OBSERVANTE E DA CO-AUTORIA*

José Bizerril, doutor em antropologia social, UniCEUB

Mikhail Bakhtin fala no “excedente de visão” característico do encontro dialógico. Pessoas sentadas frente à frente percebem o que está fora do campo de visão da outra, às suas costas (HOLQUIST, 1990). Isso é uma característica importante do diálogo intercultural e da compreensão de outras culturas (BAKHTIN, 1992). Estendo essa imagem aos Estudos Chineses: as distintas temáticas constituem-se nas fronteiras e entrecruzamentos disciplinares. Cada disciplina soma às demais aquilo que pode perceber da civilização chinesa a partir de seu enfoque particular, contribuindo com algo que as outras não perceberiam sozinhas, e vice-versa. É essa cena que imagino quando me junto, como antropólogo do corpo, com percurso interdisciplinar, a este diálogo sobre tradições chinesas.

Para abordar o tema desse capítulo, recupero a ideia de estética da existência taoista (BIZERRIL, 2010, 2011, 2015). Em vez de tratar a tradição taoista como uma visão de mundo,

* A ser publicado no livro CRUZ E ZICA, M. (org). **Daoísmo, Estéticas Chinesas & Outras Artes**, João Pessoa, no prelo, p. 37-46.

prefiro entendê-la como mundo cultural da vida (BIZERRIL, 2007). Ser taoista, neste sentido, é viver a vida de uma certa maneira, literalmente corporificar uma tradição.

Ao elaborar uma reflexão sobre o lugar das artes marciais chinesas no taoismo, como tradição espiritual autóctone da civilização chinesa, faço-o desde um posicionamento metodológico em escala micro: minha experiência de pesquisa diz respeito a uma versão contemporânea desta tradição, transplantada para o Brasil, à qual me acerquei desde o final dos anos 90. Tal experiência de pesquisa combina os recursos da etnografia de inspiração fenomenológica (CSORDAS, 2008; STOLLER, 1989, 1997; JACKSON, 1989, 1996) especificamente, uma estratégia de investigação que enfatiza a implicação prática da corporeidade do pesquisador como locus de aprendizado cultural (STOLLER, 1995; BIZERRIL, 2007; ASCHIERI, 2013) e a coautoria (BIZERRIL, 2004), isto é, o reconhecimento da participação ativa de alguns de meus interlocutores¹ na produção do conhecimento.

¹ Apoio-me em uma etnografia de longa duração, mas lançarei mão particularmente de duas entrevistas recentes, realizadas em setembro de 2015 por ocasião de um encontro organizado por colaboradores do atual mestre da linhagem, Liu Chih Ming, em São Paulo, capital, congregando praticantes brasileiros e latino-americanos.

Do ponto de vista teórico, minha compreensão se apoia na crítica já estabelecida a uma noção homogeneizante de “oriente” (SAID, 1978/1990), ficção geopolítica que desconsidera a grande diversidade cultural das populações asiáticas. Nesse sentido, ressalto também o paradoxo de reproduzir, desde o hemisfério sul e como pesquisador brasileiro, este corte geopolítico leste/oeste, efeito de tomar, ainda que inconscientemente, a Europa como centro do mundo (BIZERRIL, 2007) e filiar-se à sua orientação geopolítica e epistemológica (AHMED, 2006).

Por outro lado, apesar de não utilizar esta terminologia, reconheço que, do ponto de vista prático, o adjetivo “oriental” permite estabelecer diálogos entre estudiosos e propor estudos comparativos de fenômenos diversos provenientes das histórias de diferentes povos do continente asiático, desde que se evite a armadilha de postular algum tipo de “essência oriental” que perpassaria modos de organização social, culturas, estéticas, espiritualidades, artes marciais, etc. de povos e épocas tão diversos.

Todas as demais generalizações conceituais de menor escala – tais como China, civilização chinesa, taoismo –, cabíveis nos estudos chineses, são universais abstratos úteis para fins investigativos, problemáticos apenas se

acompanhados de pressupostos essencialistas e de uma noção homogeneizante de “cultura chinesa”. Nesse sentido, adoto aqui o seguinte pressuposto teórico geral: não há um todo homogêneo e estável que se possa chamar de sociedade ou de cultura. Assim, entendo sociedade como associação controversa e provisória (LATOURE, 2005) e cultura como sistema caótico e heterogêneo (BARTH, 2000), seguindo os debates antropológicos contemporâneos que apontam para a obsolescência dos próprios conceitos de sociedade e cultura (INGOLD (org.), 1996; BARTH, 2000; LATOUR, 2005), ao menos em suas formulações clássicas.

Portanto, neste estudo, a proposta é tratar o tema das artes marciais e sua relação com a espiritualidade taoista de modo situado, abordando-o por referência à participação observante e às contribuições de alguns interlocutores pertencentes a uma mesma linhagem². Portanto, as menções a taoismo ou tradição taoista ao longo deste capítulo se referem sempre a esta versão em particular. Em função de meu recorte,

² Mais conhecida nacionalmente como Taiji Pai Lin, a escola fundada por mestre Liu Pai Lin constituiu-se, no contexto da diáspora chinesa no Brasil, como uma síntese de pelo menos três grandes linhagens taoistas (*Longmen, Jinshan, Kunlun*), além do *Taijiquan* da escola Yang e duas linhagens de *Baguazhang*, sem falar da medicina tradicional chinesa em uma versão taoista. Seu filho Liu Chih Ming, mestre da linhagem no Brasil desde o falecimento do seu pai, tem se referido à escola como Linhagem dos Iluminados Taoistas (*Dàojiā Xiānzōng*).

mais próximo dos processos de subjetivação e das experiências de atores singulares, não me envolverei no debate acerca da ancestralidade ou não da prática marcial no taoísmo³.

Em consonância com a teoria da subjetividade (GONZÁLEZ REY, 2003, 2004), entendo que os domínios individual e social, em vez de serem opostos, constituem-se reciprocamente, sendo ambos perpassados pela subjetividade, como capacidade humana de geração de sentidos. Sendo assim, interessa-me entender como a tradição taoista é subjetivada por praticantes singulares. Antonio Moreira e Ronaldo Fernandes, com quem dialogo ao longo do texto, são praticantes experientes, professores há muitos anos e interlocutores com quem tenho mantido uma comunicação frutífera desde o início de minha etnografia. Suas trajetórias foram descritas em detalhes previamente (BIZERRIL, 2007).

Portanto, focalizo a dimensão encarnada da experiência taoista em sujeitos concretos. Este foco favorece a inteligibilidade e o reconhecimento da possibilidade de

³ Estou ciente do debate historiográfico que indica um desenvolvimento mais recente de artes marciais tradicionalmente consideradas “milenares” e da discrepância entre as versões dos estudos acadêmicos (como as posições exemplificadas por autores como Wile, 2008, ou Shahr, 2008) e da tradição oral compartilhada por praticantes chineses e brasileiros.

comunicação intercultural por meio do compartilhamento de um mundo cultural da vida.

Em contrapartida, um foco nas representações poderia tender a exotizar e sublinhar as dificuldades de comunicação. Nesse sentido, compartilho a hipótese de Citro (2009, p. 54):

...habría una experiencia fenomenológica de la carne común a diferentes [contextos] culturales, lo cual no implica, evidentemente, desconocer la diversidad de prácticas y concepciones de la corporalidad, pero sí cambiar la perspectiva desde la cual la analizamos.

A controvérsia em torno das artes marciais

A prática regular de artes marciais internas é parte integrante do modo de vida taoista, juntamente com a medicina tradicional e a meditação, de tal modo que a tradição oral se refere a estes três aspectos como um tripé que sustenta a prática do Tao. Apesar disso, para justificar meu posicionamento, sigo uma controvérsia que encontrei entre praticantes dessa linhagem, que diz respeito à pertinência e compatibilidade da prática de artes marciais por taoistas.

De fato, um texto clássico importante na linhagem que pesquisei, como o *Daodejing*⁴, desvaloriza a beligerância, desaconselhando o uso das armas exceto quando inevitável. Ao mesmo tempo, praticantes de diferentes épocas e linhagens

⁴ Utilizei como referência as traduções, para o inglês, de Cleary (2003), e para o português, de Wu (2001).

praticaram artes marciais, tanto por motivos pragmáticos⁵, quanto como parte do treinamento⁶ taoista. Há ainda a polêmica abordada por Wile (2008) sobre se o *Taijiquan*, a arte marcial interna chinesa mais popular internacionalmente, explicitamente baseada em princípios da filosofia yin-yang seria, ou não, uma arte taoista. Sem entrar nessa polêmica, no meu caso, refiro-me a artes marciais taoistas apenas em sentido estrito, quando fazem parte do programa de treinamento de uma linhagem taoista, como a que apresento aqui.

Em parte, a composição dos quadros da escola Pai Lin explicaria a reticência diante das artes marciais: em seu primeiro contato com a escola, a maioria do público foi motivada por questões de saúde. Além disso, mestre Pai Lin

⁵ Em sua entrevista (27/09/15), Antonio afirma: “Segundo se diz, os taoistas errantes que caminhavam pela China, indo de uma montanha outra, pra passar um tempo num mosteiro, ou visitar um eremita famoso, ou ensinar numa determinada cidade, ou em busca de uma erva medicinal rara, podiam se defender dos bandoleiros, salteadores, assaltantes de estrada e grupos armados que controlavam territórios aqui e a ali e o governo central não conseguia controlar [...]. Então, um monge puramente contemplativo ou um grupo de monges puramente contemplativos, indo daqui para lá a pé, pelos interiores do país, realmente ficavam muito vulneráveis”.

⁶ Utilizo o termo treinamento, referindo-me a toda dimensão da prática corporal, central nessa tradição. (Para mais detalhes, ver Bizerril, 2005 e 2007). Antonio (entrevista, 27/09/15) assinala, nesse sentido, que: “essa questão de buscar a saúde e o equilíbrio dos cinco movimentos, através do exercício suave e sábio, dentro dos princípios da medicina tradicional chinesa, sempre fez parte da tradição. Na verdade, os criadores das artes marciais internas taoistas traduziram os princípios do treinamento corporal e energético taoista, muito mais antigo, para a possível aplicação marcial.”

gradualmente reduziu o interesse pelo aspecto marcial⁷, paralelamente enfatizando os aspectos medicinais e espirituais das artes taoistas (BIZERRIL, 2005, 2007, 2010).

Por minha solicitação, isso foi tematizado por meus entrevistados da seguinte maneira:

Antonio: O lado marcial foi de fato negligenciado e, o mestre Pailin foi, digamos assim, o iniciador desse negligenciar. Ouvi ele dizer o seguinte: “ah, se vocês treinam o *tuishou*⁸, vão pôr para fora o seu bicho interno.” Em outras palavras, ele nos convenceu na época, de que a gente estaria liberando um lado agressivo que não era bom, ia criar problemas desnecessários. (entrevista, 27/09/2015)

No entanto, no decorrer da entrevista, como mencionarei adiante, Antonio reviu esta postura do mestre e argumentou sobre a relevância do treino marcial, que continua a praticar.

Ronaldo: Desvincularam esse aspecto marcial e não treinaram isso, porque acharam que isso era de nível inferior. Uma das formas que o mestre [Pai Lin] fez para que as pessoas se interessassem mais pelo aspecto medicinal e espiritual, foi dizer que as outras partes eram, em comparação, em nível inferior, mas não queria dizer que eram coisas inferiores dentro da prática. [...] Mais uma questão de prioridade... (entrevista, 26/09/15)

⁷ Um dos argumentos do mestre Pai Lin para justificar isso, a irrelevância da luta corpo a corpo na era da guerra moderna com armas de destruição em massa, deu o tom de discussões chinesas nos anos 30 do século XX (WILE, 2008) acerca do valor das artes marciais para a nação e, particularmente no caso do combate desarmado, esteve presente em escritos de estratégia militar desde o século XVI (WILE, 2008; SHAHAR, 2008).

⁸ O treinamento preparatório para combate, que se faz com rotinas que normalmente se iniciam com os praticantes fazendo contato com os pulsos e praticando movimentos circulares alternados de ataque e defesa.

Em poucas palavras, as artes marciais fariam parte do programa de treinamento completo, mas a habilidade marcial e a capacidade de autodefesa não seriam o elemento central desta escola, e sua prática teria seus riscos. Contudo, tampouco seriam algo que deveria ser desconsiderado. Isso ficará mais evidente no desenvolvimento subsequente do argumento.

Acerca da dimensão estética da arte marcial, Ronaldo comenta a alegria de mestre Pai Lin ao presenciar uma boa qualidade na execução das formas, referindo-se a medalhas conquistadas por ele mesmo e um de seus alunos em um campeonato mundial em 1995:

No Mundial de *Taiji*, o mestre ficou esfuziante. Ele saiu com a gente para um restaurante porque quis dar uma almoço pra gente, queria que a gente fosse com as roupas de apresentação e tudo, de tão contente que ele ficou. [...] E quando eu vi isso, percebi como ele tinha agrado por isso [...] Não adianta, o mestre de *Taiji* gosta das formas. E gosta inclusive da luta bem feita, sem violência, sem agressividade, mas com a interação que é necessária ter para que dê um desfecho bom e uma boa realização.

Aprendendo com o corpo: artes marciais na escola Pai Lin

Nesta linhagem, são duas as artes marciais praticadas, ambas internas: o *Taijiquan* (Punho de Tai Chi)⁹ e o

⁹ Há uma forma de 37 movimentos, ao que parece composta por mestre Pai Lin, que se tornou a mais difundida na escola, e uma forma tradicional, de 108 movimentos, segundo mestre Liu Chih Ming, a “forma secreta da família Yang”. **Ronaldo demonstra a forma curta do *Taiji*, nestes dois vídeos:** https://www.youtube.com/watch?v=_0c329SJEIY e

Baguazhang (Palma de Oito Trigramas)¹⁰ (BIZERRIL, 2007, 2011, 2015). São praticadas formas¹¹ de mãos nuas e formas com espada.

Uma distinção elementar entre as duas artes é que, embora os padrões gerais de movimentos em ambas sejam circulares e espiralados, no *Taijiquan* isso fica mais implícito e as trajetórias dos passos são lineares (figuras 1 e 2), enquanto no *Baguazhang* as espirais são mais evidenciadas e as trajetórias dos passos são mais circulares (figuras 3 e 4), como se @ praticante caminhasse sobre o diagrama do *Bagua*, com os oito trigramas e os peixinhos *yin-yang*.

<https://www.youtube.com/watch?v=BDTCAuhlvbE>. Pratica-se também uma forma de espada de 54 movimentos. E, mais raramente, entre praticantes mais experientes, *Tui Shou*.

¹⁰ Há uma forma curta, de 8 palmas (*Long Xing Bagua Lian Huan Zhang*) e uma forma de espada dupla (*Long Xing Bagua Suan Jian*); uma forma longa de 64 palmas; e um *tui shou* das palmas dos cinco elementos. Em anos mais recentes, mestre Liu Chih Ming também ensinou um *Tuei Lian*, forma combinada, a ser praticada em dupla, coordenando movimentos de ataque e contra-ataque. É uma maneira condensada de ensinar as aplicações das oito palmas.

¹¹ Isto é, seqüências coreográficas de treinamento solo, funcionam como um dispositivo mnemônico, pois contêm o repertório de movimentos, posturas e padrões de uma determinada arte marcial.



Figura 1. Ronaldo demonstra o movimento “o unicórnio contempla a lua” da sequência da espada *Taiji* (foto do autor, 1999).

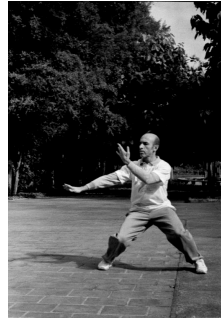


Figura 2. Ronaldo demonstra o movimento “mãos como nuvens” da sequência do *Taiji* de 37 movimentos (foto do autor, 1999).



Figura 3. Mestre Liu Chih Ming, Ronaldo e o autor fotografados praticando baguazhang (2000)



Figura 4. Antonio demonstra o movimento “8 santos atravessam o mar” do Bagua de 8 Palmas (cortesia do entrevistado)

Ronaldo, em sua entrevista, enumera os seguintes princípios de movimento que norteiam a prática do *Taiji*, mas que pode ser aplicados às duas artes: alinhamento do eixo interno, mantendo o olhar no horizonte, o que favorece a visão periférica; transferência lenta de peso nos passos, que fortalece as pernas; pernas fortes, por sua vez, favorecem a mobilidade da parte superior do corpo; giro em torno do próprio eixo; passos silenciosos e macios, “como os de um gato”; vazio interno, que permite perceber a intenção do outro sem usar os

olhos¹² e antecipar intuitivamente um movimento antes que ocorra.

Antes de prosseguir, devo frisar que, nessa escola, as artes marciais nunca foram ensinadas desde uma finalidade unilateral visando a habilidade marcial como fim. Tampouco foram treinadas isoladamente, em aulas ou cursos exclusivos, mas sempre combinadas com outras práticas corporais: ginásticas, alongamentos, *qigong*, treinamentos internos, etc. De fato, em uma prática como o *Taijiquan* ou o *Baguazhang*, fica difícil traçar uma distinção rígida entre arte marcial, *qigong* e meditação (BIZERRIL, 2007), até porque estas três dimensões compartilham princípios motores, posturais, sensoriais e filosóficos.

¹² No caso do *Taiji* e do *Bagua*, esta percepção intuitiva da intenção do outro, com ou sem contato físico, decorre da sensibilidade desenvolvida pela prática combinada de arte marcial, *qigong* e meditação. A experiência perceptiva é descrita por Ronaldo (entrevista, 26/09/15) e outros praticantes em termos de um campo energético que circunda os corpos e que pode ser percebido por sensações corporais. A noção de *qi* (energia) desempenha aqui uma função de descrever uma experiência sensível, mais do que corresponder a uma “crença”, como argumentei previamente (BIZERRIL, 2007, 2011, 2015). Tanto o desenvolvimento de habilidades similares, mas também o recurso a métodos análogos para cultivar, por assim dizer, o que tanto em termos cosmológicos como vivenciais se configura como uma espécie de “corpo sutil”, são também mencionadas em estudos sobre outras artes marciais asiáticas, como *pencak silat* javanês (DE GRAVE, 2011), o *kalarippayattu* do sul da Índia (ZARRILLI, 1998), apenas para citar dois exemplos.

Segundo a descrição de Ronaldo (entrevista, 26/09/2015), confirmada por minha própria experiência como aprendiz, o aprendizado tende a seguir o seguinte percurso: “...primeiro as formas com as mãos nuas, depois as aplicações entre duas pessoas da forma de mãos nuas, depois [as armas]...”

Um método distintivo no aprendizado tanto do *Taiji* quanto do *Bagua* é a execução dos movimentos em ritmo lento e sem tensão muscular. Do ponto de vista de seus efeitos, o que se evidencia aqui é a possibilidade de transformação de padrões posturais e motores por meio da repetição consciente de movimentos lentos, circulares, cadenciados, que, gradativamente, se integram no esquema corporal de quem pratica com regularidade. O aprendizado das formas ensina outra maneira de se mover, mais integrada¹³ e relaxada, e sua recorrência imprime um outro ritmo corporal na vida diária. Uma outra dimensão do aprendizado poderia ser chamada de “educação sensorial”, consiste em novas maneiras de utilizar o

¹³ Um princípio motor fundamental dessas artes internas é o movimento integrado de todas as partes do corpo, a partir de uma postura estável e bem alinhada. Nenhuma parte do corpo deve se mover isoladamente, sem um ajuste correspondente de todo o resto. Este é um princípio de economia de energia: fazer o mínimo de esforço, com o mínimo de tensão, para máxima eficiência.

tato e a visão¹⁴. Apenas em caráter de exemplo, vale mencionar o desenvolvimento da visão periférica como parte do treinamento marcial e a habilidade intuitiva de prever e antecipar uma intenção agressiva antes que se manifeste como um golpe (Ronaldo, 26/09/15).

Em vez de tematizar uma transformação existencial decorrente da prática em termos de um reordenamento simbólico do mundo, o que seria o caso quando o foco da análise está na resignificação produzida pelo uso de símbolos cosmográficos sintéticos chineses (como o símbolo do *Taiji* ou o diagrama do *Bagua*), o que enfatizo aqui é a dimensão encarnada desta transformação: circularidade, fluidez, lentidão nos movimentos, percepção refinada e serenidade são literalmente corporificadas pelo sujeito que pratica estas artes com consistência. O mundo (cultural) da vida (desta versão da tradição) taoista torna-se inteligível e habitável para praticantes brasileiros e brasileiras ao ser subjetivado com o corpo.

Compreendidas como parte de sua estética da existência (BIZERRIL, 2011), as artes marciais taoistas formam um dos contextos em que se vivencia no/com o corpo os símbolos-

¹⁴ Para mais detalhes, ver a descrição da habilidade de “escutar” a intenção do outro na prática do *Tui Shou* (BIZERRIL, 2007) e o exame dos modos somáticos de atenção taoistas, por exemplo o uso do olhar no *Taijiquan* (BIZERRIL, 2015). Ver também a nota 12, acima.

chave desta tradição, como a alternância *yin/yang*, representada pelo símbolo do *Taiji* e as mutações representadas pelo *Bagua*. Por meio de uma “poética do movimento” (BIZERRIL, 2007), quem pratica apropria-se do simbolismo das 5 fases/energias (*wuxing*) e dos oito trigramas, como possibilidades motoras, expressas em termos de posturas, qualidades de movimento e técnicas com aplicações marciais, como é o caso dos 8 movimentos básicos do *taijiquan* em suas correspondência com os 8 trigramas, segundo a transmissão de Liu Pai Lin: *peng* (aparar ☰), *lü* (desviar ☱), *ji* (pressionar ☲), *an* (empurrar ☳), *cai* (colher e puxar ☴), *lie* (colher e quebrar ☵), *zhou* (golpe de cotovelo ☶) e *kao* (golpe de ombro ☷)¹⁵.

Artes marciais no caminho espiritual

Mas, se a perícia nas artes marciais não é um fim em si, para que praticá-la? Considerando o corpo parte integrante da pessoa, e não um mero objeto, um primeiro aspecto da resposta apontaria para aquisição de uma certa potência corporal: vitalidade, destreza, equilíbrio, boa postura, flexibilidade, movimento eficiente e percepção refinada. Afinal, um corpo forte, saudável, longevo e sensível oferece recursos úteis

¹⁵ Para mais detalhes, ver Bizerril (2007), capítulo 6.

também para exercer adequadamente a medicina tradicional chinesa, condições necessárias para o cultivo contemplativo da serenidade, e, porque não dizer-lo, é um corpo bom para ser¹⁶. Portanto, a arte marcial interna seria um meio privilegiado para manter o corpo saudável e alcançar a longevidade, mas também faz parte de uma educação dos sentidos e da motricidade. De modo ainda mais amplo, como comentam meus entrevistados, tal formação corporal diz respeito à formação integral da pessoa, a processos de subjetivação e ao desenvolvimento de habilidades relacionais:

Antonio: ...o lado marcial do *Taiji* [...] oferecia um canal para o lado agressivo, para o meu lado *yang*, que antes eu nunca tinha tido. [...] Quer dizer, [...] um lado potencialmente agressivo, firme, forte, que pode aprender a se defender, mas que não tem de ser mal humorado, ranzinza ou nem sequer agressivo. Ele só vai se defender se necessário. [...] comecei a ganhar confiança nisso. Quer dizer que eu posso expressar esse lado sem me tornar um bruto, um ogro. E ao aprender o *Tuishou*, na verdade a gente refina o *Taiji*, porque aprende a dosar os movimentos. As pessoas que nunca fizeram nenhum *Tuishou* dificilmente conseguem dosar os movimentos. [...] Vira uma dança, fica sem sentido. [...] Então, o *Tuishou* dá essa medida, ajusta a medida. Então eu tenho treinado e pretendo continuar treinando. (entrevista, 27/09/15)

Ronaldo: quando você trabalha com o aspecto marcial, acaba se envolvendo em situações em que você é obrigado a trabalhar o seu caráter, especialmente o seu aspecto agressivo. Porque implica que você tem de treinar com o outro sem machucá-lo e isso é uma

¹⁶ Aqui me refiro à ponderação de Csordas (2008, p. 367), feita desde um posicionamento metodológico atento à corporeidade: “que o corpo seja compreendido como a base existencial da cultura – não um objeto que é ‘bom para pensar’, mas como um sujeito que é ‘necessário para ser’”.

coisa muito difícil para as pessoas: interagir com as outras sem machucar. E isso você já passa até para outra dimensão: no seu dia a dia as pessoas são às vezes muito contundentes por não saberem dar a volta ou “dosar o golpe”, vamos dizer, da palavra ou da ação. (entrevista, 26/09/15)

Nas reflexões acima e em outros fragmentos citados, há semelhanças e diferenças que remeto às diferentes trajetórias biográficas. Antonio não havia tido uma experiência mais consistente com artes marciais antes do *Taijiquan*, enquanto Ronaldo já era um artista marcial experiente quando começou a praticá-lo.

De todo modo, a habilidade marcial é um poder cuja aquisição é marcada por certas ambivalências e tensões. Por um lado, pode ser um caminho de pacificação e uma tecnologia de si, para o desenvolvimento de uma subjetividade mais equilibrada:

Ronaldo: Acho que quanto mais a pessoa vai ficando boa dentro do aspecto marcial, mais afável vai ficando. Se torna uma pessoa mais calma, mais silenciosa, não faz alarde sobre si, em geral, quanto mais segura vai ficando. Uma das coisas que as artes marciais trazem é autoconfiança. [...] Isso deixa a pessoa mais tranquila. Quando está confiante na capacidade dela, não precisa provar nada pra ninguém, nem fazer nada desonesto pra impressionar. (entrevista, 26/09/2015)

Antonio: Pra mim, foi uma forma de, digamos assim, resgatar o meu lado guerreiro e entender que ele pode ser harmônico e doce tanto quanto perfeitamente forte e firme, se e quando necessário. Do ponto de vista de outras pessoas, eu vi isso com várias alunas mulheres, ao longo do tempo que eu tenho ensinado, desde de 1990. Algumas dessas mulheres eram pessoas extremamente *yin*, [...] e o aprendizado do *Taiji*, a gente percebia que ia trazendo à

tona, ajudando a essas alunas a fazerem aflorar o seu lado mais firme, mais *yang*. Então, isso no caso delas, acabava sendo extremamente precioso, porque era uma forma integrar e equilibrar a personalidade. (entrevista, 27/09/2015)

Em sentido complementar, Antonio narrou também uma situação ao longo da qual um jovem praticante de uma arte interna mais dura e voltada para a finalidade marcial aprendeu a suavizar a dureza por meio do treino de *Tuishou*. E concluiu:

...a arte marcial taoista realmente taoista, que casa deliberadamente esses dois lados, o *yin* e o *yang*, também serve para adoçar, suavizar o *yang* excessivo, daquele que por personalidade ou por um treino diferente, mais duro, mais externo, tenha uma atitude mais enrijecida. Vai amolecer essa pessoa no bom sentido, suavizar, arredondar, aparar as arestas, ensinar a pessoa a fluir ou esvaziar. [...] Então não era só tomar posse do seu lado *yang*, mas tomar posse e civilizá-lo ao mesmo tempo. (entrevista, 27/09/15).

Contudo, esse potencial civilizatório necessita um professor qualificado e um ambiente de treino regulado por um certo protocolo, hierarquia de senioridade e disciplina (como afirmou Ronaldo em sua entrevista), bem como a expressão controlada da agressividade, para que possa se manifestar. A situação próxima desde ideal não é fácil de orquestrar. Antonio retoma seu argumento sobre o risco do treino marcial mal conduzido:

Antonio: Como professor, você vai ter que se dispor a lutar com esse “bicho”¹⁷ para domestica-lo. Saber, inclusive, caracterizar as pessoas de uma por uma. Se tiver um aluno mais agressivo, muito

¹⁷ O “bicho interno” mencionado acima, citando uma fala de Liu Pai Lin.

fascinado pelo lado marcial e que começa a querer comprar briga com os outros, ou uma pessoa que tenha algum desequilíbrio e que vai querer sair comprando briga com todo mundo e vai se dar mal. E depois pode querer culpar a escola ou o professor. Você vai ter de ser um professor muito mais esperto pra poder correr estes riscos sem se dar mal. É muito mais fácil fazer o que o mestre Pai Lin falou: “não treine”. [...] Acho que cada professor vai ter de decidir isso por si. Pessoalmente prefiro correr esse risco.

O Tao como percurso biográfico

As reflexões propostas acima se apoiam em um aporte interdisciplinar no qual convergem uma antropologia inspirada na fenomenologia da corporeidade e uma psicologia histórico-cultural atenta às subjetividades constituídas na cultura. Compreendido a partir deste aporte, o taoismo em suas formas contemporâneas aparece como uma tradição viva, que no seu dinamismo dialoga com as questões contemporâneas das sociedades globalizadas (BIZERRIL, 2011, 2013). Além disso, necessariamente se expressa nas trajetórias de seus e suas praticantes, com suas tensões e interpretações, ao mesmo tempo singulares e compartilhadas. O recorte e o posicionamento que proponho oferecem uma leitura complementar ao estudo do taoismo a partir dos seus textos clássicos, iconografia ou análise simbólica, considerando que são os sujeitos concretos as expressões encarnadas de uma tradição viva.

REFERÊNCIAS

AHMED, Sarah. **Queer Phenomenology: orientations,**

objects, others. Durham & London: Duke University Press, 2006.

ASCHIERI, P. C. **Subjetividades en movimiento: reapropiaciones de la danza *butoh* en Argentina.** Tesis de doctorado en Antropología, Facultad de Filosofía y Letras – UBA, 2013.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Rio de Janeiro: Contracapa, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BIZERRIL, José. Mestres do Tao: Tradição, Experiência e Etnografia. **Horizontes Antropológicos**, vol. 24 Antropologia e Performance, Porto Alegre, PPGAS UFRGS, ano 11, p. 87-105, jul/dez 2005.

BIZERRIL, José. **O Retorno à Raiz: uma linhagem taoista no Brasil.** São Paulo: Attar Editorial, 2007.

BIZERRIL, J. O caminho do retorno: envelhecer à maneira taoista. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, p. 287-313, jul./dez. 2010.

BIZERRIL, J.. Estéticas da Existência em fluxo: corporeidade taoista e mundo contemporâneo. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 13, n. 13, p. 77-101, fevereiro de 2011.

BIZERRIL, José. Espiritualidades asiáticas, experiencias meditativas y subjetividades corporificadas: cuerpos taoístas en Brasil. En: CITRO, S.; BIZERRIL, J.; MENNELLI, Y. (coords.) **Cuerpos y Corporalidades en las Culturas de las Américas.** Buenos Aires: Biblos, 2015, p. 259-272.

CLEARY, Thomas. **The Taoist Classics.** Boston: Shambhalla, vol. 1, 2003.

CITRO, Silvia. **Cuerpos Significantes: travesías de una etnografía dialéctica.** Buenos Aires: Editorial Biblos, 2009.

CITRO, Silvia. La antropología del cuerpo y los cuerpos en-el-

mundo: indícios para uma genealogia (in)disciplinar. En: CITRO, S. (org.) **Cuerpos Plurales: antropología de y desde los cuerpos**. Buenos Aires: Biblos, 2010, p. 17-58.

CSORDAS, Thomas. **Corpo|significa|cura**, Porto Alegre: UFRGS editora, 2008.

DE GRAVE, Jean-Marc. The Training of Perception in Javanese Martial Arts. In: FARRER, D.S.; WHALEN-BRIDGE, John (eds.) **Martial Arts as embodied Knowledge: Asian Traditions in a Transnational World**. Albany: State University of New York Press, 2011, p. 123-43.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Sujeito e Subjetividade: uma aproximação histórico-cultural**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

GONZÁLEZ REY, F.L. **O Social na Psicologia e a Psicologia Social - A emergência do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2004.

INGOLD, T. (ed.) **Key Debates in Anthropology**. London: Routledge, 1996.

HOLQUIST, Michael. **Dialogism: Bakhtin and his world**. London & New York: Routledge, 1990.

JACKSON, Michael. **Paths towards a Clearing: Radical Empiricism and Ethnographic Inquiry**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1989.

JACKSON, Michael. [ed.] **Things as they are: New Directions in Phenomenological Anthropology**. Bloomington/Indianapolis: Indiana University Press, 1996.

LAO TSE. **Tao Te Ching**. Tradução Wu Jyh Cherng. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to Actor-Network Theory**. New York: Oxford University Press, 2005.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 1978/1990.

SAPIENZA, Tarcizio Tatit (ed.) **Linhagem Taoista Pai Lin: textos fundamentais dos Mestres Liu Pai Lin e Liu Chih Ming**. São Paulo: CEMETRAC, 2015.

SHAHAR, Meir. **The Shaolin Monastery: history, religion and the Chinese Martial Arts**. Honolulu: The University of Hawai'i Press, 2008.

STOLLER, Paul. **The Taste of Ethnographic things: the senses in Anthropology**. Philadelphia: Pennsylvania University Press, 1989.

STOLLER, Paul. **Sensuous Scholarship**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1997.

WILE, Douglas. Taijiquan y taoísmo: de religión a arte marcial, de arte marcial a religión. En: **Revista de Artes Marciales Asiáticas**, Vol. 3, No. 1, 2008, p. 24-38. disponible en: [<http://revpubli.unileon.es/ojs/index.php/artesmarciales/article/view/345/299>].

ZARRILLI, Philip B. **When the Body Becomes All Eyes: paradigms, discourses and Practices of Power in Kalarippayattu, a South Indian Martial Arts**. Oxford: Oxford University Press, 1998.